

Ciência, indústria e órgãos reguladores se reúnem para debater o futuro dos bioinsumos

Sector somou R\$ 7 bi na safra 2024/25

Em um momento decisivo para o setor de bioinsumos no Brasil, marcado pela consolidação da lei que regulamenta essa categoria de produtos e pela crescente adoção de tecnologias biológicas no campo, a Associação Nacional de Promoção e Inovação da Indústria de Biológicos (ANPII Bio) apoia a Reunião da Rede de Laboratórios para Recomendação, Padronização e Difusão de Tecnologias de Inoculantes Microbianos de Interesse Agrícola (RELARE), promovido pela Embrapa Soja, que chega à sua 22ª edição nos dias 19 e 20 de agosto, em Curitiba (PR).

O evento deverá reunir 300 participantes entre cientistas, representantes de órgãos de fiscalização, indústria e consultores, funcionando não apenas para discussões técnicas sobre o uso de microrganismos benéficos na agricultura, mas também como um espaço para o debate de protocolos de análise de qualidade e validação de novos produtos, consolidando-se como referência na difusão de tecnologias que sustentam uma produção agropecuária



mais econômica e ambientalmente sustentável.

“Uma parte significativa da legislação brasileira, dos protocolos de pesquisa e das metodologias que hoje sustentam o sucesso da adoção de microrganismos teve origem nos encontros da RELARE, o que reforça a importância do encontro”, afirma Larissa Bonotto, diretora de operações da ANPII Bio, que apoia o encontro desde sua fundação como entidade, em 1990.

O primeiro dia encerra com o painel sobre modelos de negócio e mercado, que reúne discussões sobre bancos de germoplasma, disponibilização de ativos biológicos e patenteabili-

dade de microrganismos, além de uma apresentação, conduzida por Larissa Bonotto, sobre o mercado de bioinsumos no Brasil. Na ocasião, Larissa deve apresentar dados que reforçam a força do setor no país, que superou R\$ 7 bilhões na última safra (2024/2025), consolidando o Brasil entre os três maiores mercados do mundo, ao lado de Estados Unidos e China, com participação de 15% a 18% do segmento em escala global e cerca de 50% da movimentação latino-americana.

Expansão de empresas

“O setor vive um momento de expansão acelerada, com crescimento superior a 50% no número de empresas entre 2022 e 2025. É um mo-

vimento que reforça a força do Brasil e da indústria nacional no desenvolvimento de tecnologias biológicas”, afirma Larissa.

No segundo dia, os debates avançam para o biocontrole a partir de novas estirpes de microrganismos, categorias de fertilizantes enriquecidos com microrganismos, multifuncionalidade microbiana e segurança sanitária de bioinsumos, com especialistas do Instituto Biológico, da Mosaic, da Embrapa Agrobiologia e da Anvisa/UnB. Depois, a programação trata da indicação de estirpes e cepas em bioinsumos, da atualização taxonômica da lista de estirpes e da proteção de dados regulatórios à luz da Lei nº 10.603/2002.

Para fechar o encontro, ocorrerá a institucionalização da RELARE como órgão consultivo do MAPA, seguida pela apresentação de resultados finalísticos de novas tecnologias, rodada de negócios e assembleia, com eleição da nova diretoria da rede. Evento ocorrerá no Centro de Convenções do Sistema FIEP, Curitiba (PR) e as inscrições são feitas pelo link <https://e3eventos.com/relare/>

Investimento deteriora

O Índice de Investimento do Empresário do Comércio (IIEC) das pequenas empresas também se deteriorou, ao passar de 99 pontos, em junho, para 97 pontos, em julho, o menor nível desde 2021. Segundo a entidade, esse dado revela que as pequenas estão com um leve grau de pessimismo para investir com cenário econômico instável. No segmento das grandes, também caiu 3,5% em comparação com o mês de junho, marcando 107 pontos, mas permanecendo na zona de otimismo.

Recuperar empresas ou executar dívidas? Uma escolha que definirá o futuro econômico do Brasil

Antonio Carlos Morad (*)

O Brasil vive uma contradição silenciosa. De um lado, o Estado necessita arrecadar para financiar suas atividades essenciais. De outro, milhões de empresas lutam diariamente para sobreviver em um ambiente marcado por elevada carga tributária, burocracia excessiva, restrições de crédito, insegurança jurídica e sucessivas crises econômicas.

Diante do crescimento do passivo tributário empresarial, a resposta tradicional tem sido praticamente a mesma há décadas: programas especiais de parcelamento, refinanciamentos extraordinários e transações tributárias sucessivas. Embora relevantes em determinadas situações, tais mecanismos partem de uma premissa equivocada: presumem que a empresa endividada possui capacidade econômica imediata para suportar novos compromissos financeiros.

Na prática, exige-se que o empresário pague simultaneamente o passado e o presente, justamente quando já demonstra não possuir condições de fazê-lo.

O resultado é conhecido. Milhares de empresas aderem aos programas de parcelamento, poucas conseguem permanecer neles e muitas acabam retornando ao ciclo da inadimplência, ampliando ainda mais o passivo fiscal.

Talvez o problema não esteja na falta de parcelamentos.

Talvez o problema esteja no diagnóstico.

Uma empresa não se recupera porque parcelou suas dívidas. Uma empresa se recupera quando volta a produzir, vender, lucrar, investir e crescer.

Por essa razão, é necessário substituir a lógica da mera cobrança pela lógica da recuperação produtiva.

Nesse contexto, propõe-se a criação de um Programa Nacional de Recuperação Fiscal Produtiva, estruturado sobre cinco pilares fundamentais:

Moratória estratégica de longo prazo

Suspensão da exigibilidade do principal da dívida tributária por período suficiente para permitir a reorganização financeira da empresa, mantendo-se mecanismos de controle e acompanhamento estatal.

Governança empresarial obrigatória

As empresas beneficiadas assumiriam compromissos

relacionados à profissionalização da gestão, transparência financeira, planejamento estratégico e controles internos.

Crédito para crescimento

A recuperação empresarial exige capital (PROMANPE – FGI). Linhas especiais de financiamento produtivo deveriam ser disponibilizadas para empresas que demonstrem viabilidade econômica e compromisso com a regularização fiscal futura.

Monitoramento e responsabilidade

O benefício não seria um perdão fiscal. O Estado acompanharia periodicamente os indicadores econômicos da empresa, exigindo contrapartidas objetivas de desempenho, geração de empregos e regularidade operacional.

Retorno gradual à plena tributação

À medida que a empresa recuperasse sua capacidade econômica, retornaria gradativamente ao cumprimento integral de suas obrigações tributárias, transformando-se novamente em fonte estável de arrecadação.

O grande equívoco das políticas tradicionais consiste em tratar a dívida como o problema principal.

Na maioria das vezes, a dívida é apenas a consequência visível de um problema mais profundo: a perda da capacidade produtiva da empresa.

Executar uma empresa economicamente inviável pode satisfazer momentaneamente a lógica arrecadatória. Recuperar uma empresa viável, entretanto, produz arrecadação futura, empregos, investimentos e desenvolvimento econômico.

Sob essa perspectiva, a discussão deixa de ser tributária e passa a ser estratégica.

O verdadeiro debate não é sobre como cobrar melhor.

É sobre como preservar aqueles que produzem riqueza.

Afinal, o Estado arrecada muito mais com empresas em funcionamento do que com empresas encerradas.

A execução fiscal pode recuperar um crédito.

A recuperação empresarial pode recuperar uma economia inteira.

(*) Antonio Carlos Morad é advogado titular no escritório Morad Advocacia Empresarial

Cai a confiança das pequenas empresas

A confiança dos empresários do comércio paulistano permaneceu na zona pessimista, principalmente por conta da percepção das empresas de pequeno porte. De acordo com a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), o Índice de Confiança do Empresário do Comércio no Município de São Paulo (ICEC), avaliado mensalmente pela entidade, registrou 93,9 pontos em julho — mantendo-se estável e interrompendo uma série de cinco quedas seguidas. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, o recuo do indicador foi de 8,7%.

Na análise por porte, o cenário das empresas de até 50 funcionários é preocupante, visto que o indicador recuou pelo sexto mês consecutivo, registrando 93,6 pontos em julho, menor patamar desde junho de 2021, período de pan-

demia. A FecomercioSP continua ressaltando o elevado grau de insatisfação do empresariado quanto às condições atuais. Mesmo que as vendas tenham crescido de maneira consistente até o fim de 2025, os empresários não estão satisfeitos com rentabilidade, pressão de custos, juros elevados, entre outros fatores.

No caso das pequenas empresas, o ICAEC atingiu 68,7 pontos em julho, retração interanual de 9,6% — são 42 meses consecutivos abaixo dos 100 pontos, indicando pessimismo. A queda observada no período recente pode estar relacionada também às notícias do campo político, como a aprovação da redução de jornada e o fim da “taxa das blusinhas”, situação em que os pequenos negócios estão mais vulneráveis. Para as grandes, por sua vez, houve alta de 77,9 pontos, em junho, para 84,4 pontos, em julho.



nelson.tucci@netjen.com.br

Agro/Modelos

O 15º Congresso Andav, promovido pela Associação Nacional dos Distribuidores de Insumos Agrícolas e Veterinários (Andav) e organizado pela Zest Eventos, aconteceu em São Paulo, reforçando o protagonismo do mercado de distribuição de insumos agropecuários para o crescimento sustentável do agronegócio brasileiro. “Com resiliência, diálogo contínuo e qualificado, e atenção a tendências, o segmento vem trabalhando e entregando novos modelos de negócios, com o objetivo de diminuir custos, elevar produtividade e gerar valor para todo o agro”, destacou Marcos Chaves, presidente do Conselho Diretor da Andav.

R\$ 160 BI

Na abertura, o Secretário-Executivo da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, Diógenes Kassaoka, ressaltou o peso econômico do setor ao apontar que a distribuição de insumos movimentará mais de R\$ 160 bilhões por ano. Já o Diretor de Negócios e Inovação Tecnológica da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa, Alexandre Alonso Alves, chamou a atenção para a capacidade do setor de identificar as demandas dos produtores e levar novas tecnologias até o campo. “As tecnologias vão reduzir o uso de insumos e o distribuidor do futuro será cada vez mais um parceiro de inteligência aplicada”, avaliou Ingo Plöger, presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG).

Finep/Inovação

A Finep está com uma chamada aberta para projetos de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação

em quatro frentes: Economia Circular, Química Renovável, Água e Esgoto, além de Moradia e Espaços Públicos Sustentáveis. Existe um total de R\$ 150 milhões disponíveis para empresas brasileiras transformarem problemas reais de sustentabilidade em inovação. Na prática, entram soluções para reuso, rastreabilidade, logística reversa, redução de perdas de água, sensores, água de reuso, novos materiais, construção modular, eficiência energética, adaptação climática e BIM. Os recursos são de subvenção econômica, portanto não reembolsáveis. Há, porém, contrapartida financeira obrigatória da empresa, definida conforme porte e formato do projeto.

Energia Renovável

Campo Grande debaterá bioenergia e geração distribuída, em eventos realizados entre 15 e 18 de setembro, reunindo empresas, investidores e especialistas para discutir biocombustíveis, energia solar, inovação e novos negócios. A capital do MS receberá, nos dias 15 e 16, o Bio Energy Summit 2026 e, logo depois, em 17 e 18, o Fórum Regional de Geração Distribuída Centro-Oeste. Enquanto o primeiro evento concentrará os debates em biogás, biometano e biocombustíveis, o segundo abordará o mercado de geração distribuída, com destaque para energia solar, regulamentação, financiamento e desempenho das usinas. A realização dos encontros em sequência busca aproximar diferentes segmentos envolvidos na transição energética e ampliar as oportunidades de negócios no setor. Mato Grosso do Sul foi escolhido por reunir uma produção agropecuária diversificada, disponibilidade de biomassa e expansão dos investimentos em fontes renováveis.



Cannabis Medicinal

O Conselho Federal de Química está presente no Cannabis Summit 2026, que termina neste dia 14, em Florianópolis (SC). A pauta destaca o crescimento do mercado de cannabis medicinal no Brasil, que movimentou cerca de R\$ 971 milhões em 2025, e a importância da atuação técnica da Química para garantir padronização, controle de qualidade e segurança na cadeia produtiva. Na oportunidade, o conselheiro federal Ubiracir Fernandes Lima Filho participará do evento para discutir os aspectos químicos da cadeia produtiva, incluindo processos de extração, caracterização, formulação e controle laboratorial.

Luxury Travel

A Brazilian Luxury Travel Association (BLTA) fará evento de lançamento de seu anuário, dia 25 próximo, na Casa Sweet Pimenta, em Pinheiros, na Capital de São Paulo. A associação atua no mercado nacional e internacional para promover e fortalecer o Brasil como destino turístico para o mercado de luxo mundial e reúne 75 associados entre hotéis, resorts, pousadas e operadoras de viagens.

Sompo/Aquisição

A Sompo International anunciou que a Sompo, sua subsidiária integral no Brasil, formalizou um acordo

para adquirir a Fator Seguradora. A conclusão da transação permanece sujeita à aprovação das autoridades regulatórias competentes. A aquisição representa um passo relevante na estratégia da empresa de expandir sua presença no mercado de seguros corporativos, ampliando sua oferta de soluções especializadas. A operação permitirá potencializar o alcance da companhia no incremento de sua participação em linhas de negócios nas quais a Fator Seguradora possui atuação consolidada e reconhecida expertise. Atualmente, a Sompo está entre as cinco maiores seguradoras do Brasil nos segmentos de Seguros Corporativos e de Agronegócio.

Antiaderentes cresce

Fabricante de utensílios antiaderentes, a Multiflon anuncia a sua expansão no mercado internacional. Já presente na Argentina, Bolívia, Colômbia, Nicarágua, Panamá, Peru, Paraguai e Uruguai, por meio de distribuidores, representantes, redes varejistas, marketplaces, importadores e parceiros comerciais, a empresa agora implementa uma estratégia de prospecção para três novos mercados da América Latina: Equador, Guatemala e México. A expectativa da empresa é fechar 2026 com crescimento de 5% no mercado internacional e de 6% no mercado nacional, na comparação com o ano anterior. Para 2027, a empresa projeta crescimento de 25% nas exportações e de 25% no mercado interno.